



Florianópolis, v. 15, n. 2, jul./dez. 2020



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL (PET) PEDAGOGIA
NÚCLEO ERER - EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS



EXPEDIENTE

Conselho editorial: Débora Cristina Araújo (UFES), Eliane Debus (UFSC), Etelvino Guila (Universidade Eduardo Mondlane/Moçambique), Joana Célia dos Passos (UFSC), Maria Aparecida Rita Moreira (Rede Estadual de Educação/UFSC), Paulo Vinicius Baptista da Silva (UFPR).

Colaboradores da edição: Caroline Machado, Clara Quentel de Loyola, Edneide Maria, Elem Bernardi Marafigo, Eliane Debus, Juliana Breuer, Keila Gonzalez, Lucas daEni, Maria Aparecida Rita Moreira, Maria Lúcia Martins, Pedro Salles Iwersen, Rafael da Silva, Suelen Amorim Ferreira, Thayene Esquivel, Zâmbia Osório dos Santos, Waleska Regina Becker Coelho de Franceschi.

Pareceristas *ad hoc*: Sara da Silva Pereira (Prefeitura Municipal de São José dos Pinhais) e Estela Ramos de Souza de Oliveira (UFSC).

Trabalho técnico: Ana Carolina Ostetto (revisão); Pedro Salles Iwersen (diagramação).

Endereço: Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Campus Reitor João David Ferreira Lima, s/n, Trindade, Florianópolis, SC, 88040-900.

EDITORIAL

Eliane Debus (Tutora PET/Pedagogia/UFSC)

Vivemos em nosso país momentos complexos e, às vezes, quase surreais. De um lado, uma pandemia viral que nos coloca em reclusão, com ensino remoto e várias ações em tempos “síncronos” – a palavra mais usual, talvez, na academia desses dias –, de outro, uma política de (des)governo que nos coloca em sobressaltos sobre a continuidade dos avanços científicos no país, como: a contenção de gastos com cortes de bolsas para docentes e discentes da graduação e pós-graduação; o desmazelo com programas e projetos importantes desenvolvidos nos últimos anos (a exemplo do PNBE, PNLL, PIBID, PIBIC, PET); as políticas de ações afirmativas, que trouxeram para os campi universitários do país a diversidade étnico-racial e as pesquisas sobre o tema, sofrem a todo momento ameaças por meio de desmontes e ações cerceadoras e antidemocráticas.

Na interface dos dois lados pandêmicos, mantemos a convicção de que dias melhores virão, mas que devemos ficar atentos. Publicações, como esta aqui apresentada, colaboram para não perdermos a crença de que é necessário esperar: verbo pulsante nesses tempos!!!

Lembrando Paulo Freire (2014, p. 36),

É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo.

Assim, nesta edição do *Abiodum*, buscamos olhar para trás para seguir adiante ao trazer as ações vinculadas à Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER), do Programa de Educação Tutorial (PET), do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

O PET de Pedagogia/UFSC foi oficialmente criado em 2007, tendo como tutora a Professora Vania Beatriz Monteiro da Silva e como Professora colaboradora Maria Hermínia Laffin. Atualmente, é tutoriado pela Professora Eliane Debus. Nesses 13 anos de existência, a ERER é um dos eixos que movimenta as ações de pesquisa, ensino e extensão do grupo.

Neste número do *Abiodum*, apresentamos uma síntese dos nossos esforços para a promoção de debates que construam uma formação inicial (junto aos estudantes bolsistas e demais estudantes do curso de Pedagogia) que contemple a ERER.

Desejamos uma boa leitura!

Referência

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança*. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

GRUPO CONTAROLANDO:

HISTÓRIAS DE TEMÁTICA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANAS PARA CONTAR, CANTAR E ENCANTAR

Juliana Breuer Pires e Suelen Amorim Ferreira (Bolsistas PET/Pedagogia/UFSC)

Waleska Regina Becker Coelho De Franceschi (Doutoranda PPGE, colaboradora PET/Pedagogia/UFSC)

Imagem 1: Grupo Contarolando em ação



Fonte: Arquivo do PET Pedagogia/UFSC.

“A história que vamos contar, aconteceu lá em África...”. Este é o mote para começar a nossa viagem para o mundo das histórias c(a)ontadas, dançadas e musicalizadas pelo grupo cênico-literário *Contarolando*. Aliás, essa história começa lá em 2011, quando a Profa. Dra. Simone Cintra, que na época estava em seu pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em parceria com a professora Eliane Debus, cria o grupo. Segundo Martins (2016, p. 38), “[...] o primeiro processo de criação nasce integrado ao trabalho extensionista junto a uma Escola de Educação Básica, dialogando com as ações de uma bibliotecária e de uma professora”.

O objetivo principal do grupo é o de desenvolver ações de contação de histórias como prática da docência, pela formação inicial dos estudantes de Pedagogia, e como possibilidade de fruição a professoras/professores, estudantes e crianças por meio da utilização de jogos teatrais, exercícios corporais, improvisações e criações cênicas visuais e composições sonoras a partir de diversas narrativas ou poemas.

Em 2017, o grupo se insere em um novo projeto intitulado *Contarolando em formação e ação: co(a)ntando a literatura de temática afro-brasileira e africana para a infância*, com o intuito de refletir a respeito da Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER) como contribuição à formação dos estudantes da Pedagogia, abrangendo as literaturas de temática afro-brasileira e africana e as variadas criações cênicas para a contação de histórias. No ano em que o Grupo se voltou para o estudo de uma temática específica escolheu duas narrativas, sendo elas *Olelê, uma antiga cantiga da África* (2015), de Fábio Simões, e *Filhos de Ceição* (2014), de Helô Bacichette. Veja fotos da apresentação do grupo nas Imagens 2 e 3.

Imagem 2: Olelê: uma antiga cantiga da África



Fonte: Arquivo do PET Pedagogia/UFSC.

Imagem 3: Os filhos de Ceição



Fonte: Arquivo do PET Pedagogia/UFSC

Ao longo do ano de 2017, foram ofertadas formações aos membros do grupo Contarolando e à comunidade acadêmica, visando a ampliação do repertório cultural. Um dos formadores convidados foi Fábio Simões, escritor do livro *Olelê, uma antiga cantiga da África*, que ministrou sobre a *Oralidade e música como ferramenta pedagógica e a respeito da Celebração da Herança Linguística dos povos de Língua Bantu*.

Em 2018, foram realizadas formações advindas de diferentes áreas artísticas, sendo elas: Treinamento técnico artístico do corpo vocal, com a Dra. Raquel de Souza Chula (UDESC); *Práticas Corporais e Samba-reggae: uma proposta de resistência e e Contação de histórias: a*

inserção da musicalidade no processo educativo, ambas ministradas pela Mestranda Aline Martins (UFSC), integrante da Banda Cores de Aidê; *Contando histórias com música*, com a contadora de histórias Aline Maciel, da Cia. Mafagafos; *A arte de narrar e encantar*, com a Profa. Dra. Gilka Girardello (UFSC); e *A experiência estética de narrar*, com a integrante do grupo e Profa. Doutoranda Waleska Regina Becker Coelho De Franceschi (UFSC).

Nesse mesmo ano, uma nova narrativa é inserida no repertório literário do grupo: *O comedor de nuvens* (2009), de Heloisa Pires Lima. A partir de 2019, foram incluídos o livro *Tenta!* (2018), da primeira romancista de Moçambique, Paulina Chiziane, o poema “Me Gritaram Negra”, da poetisa afro-peruana Victória Santa Cruz, e o livro *Antonieta* (2019), de Eliane Debus.

Nesse ano de 2020, o grupo Contarolando se reinventa em meio a pandemia a partir do projeto Versos do Índico, que trabalhou com os livros-poemas de escritores moçambicanos: *Passos de Magia ao Sol*, de Mauro Brito (2016); *Viagem pelo Mundo num Grão de Pólen*, de Pedro Pereira Lopes (2015); e *Gil e a Bola Gira*, de Celso C. Cossa (2016). Os poemas foram publicizados em forma de vídeos e disponibilizados no canal do YouTube e nas redes sociais do PET Pedagogia/UFSC.

A escolha por narrativas de temáticas africanas e afro-brasileiras pelo grupo Contarolando cumpre o

papel de potencializar a difusão de narrativas que têm a Cultura Negra como força motriz e difundi-las para diferentes públicos.

Os ensaios do grupo, quando presenciais, acontecem no Centro de Ciências da Educação (CED/UFSC) e contam com formações contínuas para aprimoramento e expansão de repertório cênico, literário, vocal e corporal, assim como teórico-cultural. As apresentações ocorrem em diferentes ambientes: escolas, eventos acadêmicos, formações de professoras e professores e/ou ensaios abertos.

Vale demarcar que os projetos do Grupo têm sido contemplados, desde 2014, nos Editais Bolsa de Cultura e Procultura da Secretaria de Cultura e Arte (SeCArte) da UFSC.

Quer saber mais sobre o grupo *Contarolando*? Acesse o nosso site: <https://petpedagogiaufsc.paginas.ufsc.br/bolsistas/>.

Referências

BACICHETE, Helô. *Filhos de Ceição*. Ilustração Rosinha. São Paulo: Melhoramentos, 2014.

BRITO, Mauro. *Passos de Magia ao Sol*. Ilustração de Bárbara Marques. Maputo: Editorial Escola Portuguesa de Moçambique, 2016.

CHIZIANE, Paulina Tenta! Ilustração de Samora Délcio. Belo Horizonte: Nandyala, 2018.

COSSA, Celso C. *O Gil e a Bola Gira e outros poemas para brincar*. Ilustração de Luis Cardoso. Maputo: Editorial Escola Portuguesa de Moçambique, 2016.

DEBUS, Eliane. *Antonieta*. Il. Annie Ganzala. Tubarão: Copiart, 2019.

LIMA, Heloisa P. *O comedor de nuvens*. Ilustração Suppa. São Paulo: Paulinas, 2009.

LOPES, Pedro Pereira. *Viagem pelo Mundo num Grão de Pólen e Outros Poemas*. Ilustração de Filipa Pontes. Maputo: Editorial Escola Portuguesa de Moçambique, 2015.

MARTINS, Daniela. *Ouvir, ler, contar e contarolando: as tramas do Grupo Cênico-Literário Contarolando na arte de contar histórias. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/197249?show=full>. Acesso: 12 nov. 2020.*

SIMÕES, Fábio. *Olelê: uma antiga cantiga da África*. Ilustração de Marília Pirillo. São Paulo: Melhoramentos, 2015.

Imagem 4: Grupo Contarolando no Hall do CED



Fonte: Arquivo do PET Pedagogia/UFSC.

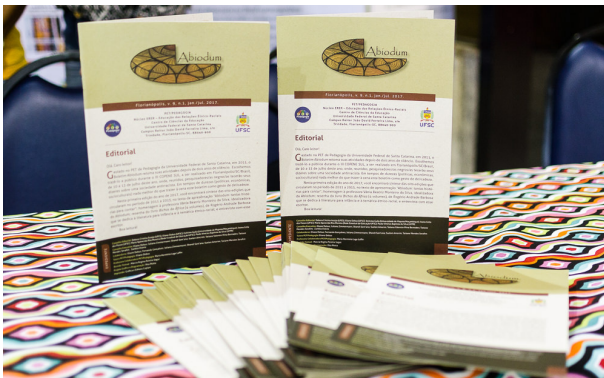
BOLETIM ABIODUM: MUITAS HISTÓRIAS

Suelen Amorim Ferreira, Lucas daEni e Maria Lúcia Martins

(Bolsistas PET/Pedagogia/UFSC)

Eliane Debus (Tutora PET/Pedagogia/UFSC)

Imagem 5: Versão impressa do Boletim



Fonte: Arquivo do PET Pedagogia/UFSC

Na história dos 13 anos do PET de Pedagogia e o diálogo com a ERER, não poderíamos deixar de fora um dos trabalhos mais significativos e permanentes, o Boletim *Abiodum*. Criado em 2011, ele faz parte das ações coletivas do PET Pedagogia/UFSC e, atualmente, está em sua 15ª edição, sendo qualificado na plataforma Qualis/CAPES como C. O nome do Boletim tem origem Ganesa e significa "nascido em tempo de guerra", seu objetivo é o de promover o conhecimento e a valorização da identidade, cultura e história de grupos humanos que historicamente são relegados ao plano inferior na hierarquia social nas sociedades contemporâneas, em particular, procura trazer discussões sobre a Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER).

Este texto apresenta a história do Boletim desde seu início, entre os anos de 2011 a 2020, os aspectos coletivos de sua escrita, a descrição dos temas de suas diferentes edições (processo de escolha, divisão do trabalho, entre outros), assuntos que, embora diversos, sobrepõe-se e dialogam. Em um segundo momento, relatamos a publicização do periódico em diferentes espaços educativos onde somos aprendizes. Por fim, demarcaremos a importância do *Abiodum* como exercício de produção das/os estudantes bolsistas e divulgação dos debates sobre o tema da ERER.

A primeira edição do boletim foi lançada em junho de 2011 e contou com a entrevista da Professora Doutora Vânia Beatriz Monteiro da Silva sobre a importância da ERER, entre outros relatos docentes a respeito da experiência pedagógica em busca de uma ação antirracista. Em outubro do mesmo ano, a segunda edição problematizou a Educação Indígena na sociedade atual.

A terceira edição, em 2012, teve como tema central o VII Congresso de Pesquisadores Negros/as (COPENE),

cuja temática “Os desafios da Luta Antirracista no século XXI”, de caráter nacional, que se realizou em Florianópolis entre os dias 16 e 20 de julho de 2012.

No ano de celebração de uma década da Lei no 10.639, de 2003, incluindo no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” (BRASIL, 2003), a quarta edição do *Abiodum* apresentou as opiniões de agentes atuantes da EREER nos diferentes âmbitos da educação.

Em novembro de 2013, na edição de número cinco e se chamou a comunidade para refletir sobre a Educação das Relações Étnico-Raciais, marcando o dia 20 de novembro como datado histórico de resistência.

O sexto Boletim, publicado em 2014, problematizou a alteração da LDBEN pela Lei no 11.645, de 2008, que inclui a Cultura Indígena no currículo da Educação Básica (BRASIL, 2008).

Em 2014 e 2015, o *Abiodum* teve em cada ano uma única edição. No ano de 2014, foi apresentada, na sétima edição, a pesquisa realizada com estudantes intercambistas que faziam parte do Programa Estudantes Convênio de Graduação (PEC/G), o qual oferece formação superior a cidadãos de países em desenvolvimento (principalmente da África e da América Latina), com os quais o Brasil mantém acordos internacionais, focalizando as dimensões culturais e educacionais. Em 2015, na oitava edição, o boletim apresentou um mapa das Ações afirmativas da UFSC, traçando um

breve histórico e apresentando dados sobre a implementação da Lei de Cotas.

Em 2016, infelizmente, não houve edição. O boletim regressa em 2017, sendo lançado no III COPENE Sul. Nele, traz-se uma síntese das oito edições do boletim que circularam no período de 2011 a 2015, revigorando forças e alegrias. A segunda edição de 2017 tematizou o III COPENE Sul, que ocorreu entre 10 a 13 julho na UFSC, e teve como temática “Negras e Negros no sul do Brasil: desenvolvimento, patrimônio e cultura afro-brasileira”, envolvendo pessoas de todas as idades, negros e não negros para dialogarem sobre avanços e possibilidades diante da temática étnico-racial na sociedade brasileira.

O foco da primeira publicação do ano de 2018 se concentrou em divulgar o projeto “O ensino da literatura afro-brasileira no Ensino Médio: projeto de formação continuada para professoras e professores de Língua Portuguesa da região da Grande Florianópolis”, que desenvolveu ações com fins de implementação da Lei nº 10.639/2003 (BRASIL, 2003). A segunda edição do boletim do ano de 2018 tematizou o conceito “mulher” em uma perspectiva da diversidade de marcadores identitários, buscando uma reflexão sobre a posição de mulheres negras e indígenas na universidade. A edição de 2019 foi constituída pela temática de resistência, protesto, rebeldia, poesia, arte e música expressadas na linguagem do movimento cultural do Hip Hop.

O boletim *Abiodum* é distribuído à comunidade acadêmica da UFSC e ao público externo por meio impresso e digital e temos procurado lançar suas edições em eventos e momentos em que há debate sobre a ERER.

Imagem 6: Distribuição do Boletim Abiodum



Fonte: Arquivo do PET Pedagogia/UFSC.

Aqui, destacamos três momentos especiais. O primeiro se refere ao lançamento no III COPENE Sul, quando se publicizou o número nove do boletim, na sessão de autógrafos do evento. Como já explicitado no relato do segundo número de 2017, esse evento reuniu diferentes públicos da sociedade civil em torno da ERER.

Em novembro de 2019, ocorreram os outros dois momentos de lançamento do *Abiodum*: 1) VIII Seminário de Literatura Infantil e Juvenil (VIII SLIJ) e do IV Seminário Internacional de Literatura Infantil e Juvenil e Práticas de Mediação Literária (IV SELIPRAM): (R)es(x)istências literárias na contemporaneidade, que ocorreu na UFSC, em Florianópolis, no período de 5 a 8 de novembro de 2019; 2) em evento do Curso de Pedagogia da UFSC, para marcar a data do dia 20 de novembro, Dia da Consciência Negra.

A abrangência do boletim a variados públicos é o que marca seu início e continuidade, que configura as linhas (in)visíveis dos que têm muito a dizer e que também falam por tantos outros. A visibilidade das ações e pesquisas possuem em seu cerne o propósito transgressor nessa desafiadora empreitada que é romper com desigualdades históricas, tendo por chave a educação. A busca por equidade e protagonismo dos sujeitos negros e negras, suas temáticas e modos de vida ganham cena e público nas páginas de *Abiodum*, evidenciando a gama de produção de conhecimento que se reafirma mundo afora.

Creemos na importância do Boletim *Abiodum* como exercício de produção das/os estudantes e divulgação dos debates sobre o tema da ERER. A sua presença em territórios múltiplos de luta se soma a outros tantos, que, por meio da educação, buscam edificar pontes formadoras de outras perspectivas a respeito da produção científica, cultural e social de indivíduos históricos que escreveram e precisam continuar a escrever suas próprias linhas. Para que suas vozes reverberem na direção de uma sociedade democrática e que valorize a multiplicidade social, faz-se necessário que esses conhecimentos conquistem terrenos e essas discussões ganhem o comprometimento daqueles que ousam romper com padrões cristalizados socialmente e possam chegar a todos.

O engajamento conjunto em torno de temática tão urgente para a formação humana se destaca como linha pontual do boletim *Abiodum*. Com essa produção e sua divulgação, fortalecemos o anseio de que a ERER seja uma pauta de discussão e que possamos consolidar práticas antirracistas com o Curso de Pedagogia.

Este texto de forma ampliada está publicado na revista *Vias Reflexivas*, da Faculdade de Palhoça, intitulado como “Pet Pedagogia e o *Abiodum* ‘Nascido Da Guerra’” (DEBUS et al., 2020), vivendo na resistência.

Referências

BRASIL. Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 10 jan. 2003.

BRASIL. Lei no 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 11 mar. 2008.

DEBUS, Eliane et al. Pet Pedagogia e o *Abiodum* “Nascido Da Guerra”, vivendo na resistência. *Vias Reflexivas*, Palhoça, SC, v. 20, n. 2, 2020.

OFICINAS DE TRADUÇÃO DO PET PEDAGOGIA/UFSC:

TRADUZINDO POESIAS DE MULHERES AFRO-LATINO-AMERICANAS

Pedro Salles Iwersen (Bolsista PET/Pedagogia/UFSC)

Desde a fundação do PET Pedagogia/UFSC, em 2007, o estudo de língua estrangeira vem compondo as ações do Grupo. Nesse percurso, podemos identificar três momentos anteriores em que se realizaram projetos de ensino e aprendizagem de língua estrangeira.

Nos primeiros anos (2007- 2009), os bolsistas eram liberados de suas atividades junto ao PET para o estudo de algum idioma estrangeiro, ficando por conta do bolsista a escolha e o local onde desenvolveria seus estudos.

De 2010 a 2012, a formação passa a ser desenvolvida pelo próprio Grupo em parceria com a professora do Departamento de Metodologia do Ensino (MEN), na área da língua francesa, Clarissa Laus Pereira Oliveira. Com essa colaboração, organizou-se o Projeto *Nous parlons français au PET Pedagogia*, oferecendo aos integrantes do grupo noções fundamentais de língua francesa e cultura francófona.

Entre 2013 a 2015, o ensino da língua estrangeira foi organizado por

Celia Cabezas Jaramillo, estudante do Curso de Letras Espanhol, então, bolsista do PET Pedagogia. Com o objetivo de desenvolver estudos sobre a língua espanhola em uma perspectiva metodológica interdisciplinar, criou-se o Projeto intitulado *Leyendo y hablando español*.

No ano de 2016, a formação em língua estrangeira passou a ser organizada por este pesquisador, que, estudante do Curso de Pedagogia e bolsista do PET, tem formação em Letras – Espanhol pelo Centro de Comunicação e Expressão (CCE), da UFSC. No período de 2016 a 2019, a língua estrangeira foi trabalhada pelo grupo PET Pedagogia por meio do Projeto de extensão *Língua e Cultura Hispânica*. Foram quatro edições de cursos de formação que tiveram a cultura e a língua hispânica como referência, desenvolvidos em um processo cheio de aprendizados e de novos conhecimentos, proporcionando diversas experiências a todos os envolvidos.

Neste trabalho, propomo-nos a apresentar os encontros que ocorreram nos dias 27 de agosto e 3 de setembro de 2019 em que foram postas em prática as Oficinas de Tradução de poemas escritos por mulheres afro-latino-americanas. Em cada encontro, uma poesia foi traduzida pelo grupo de forma coletiva e colaborativa. Para tanto, foram selecionados os poemas: 1) *Me Gritaron Negra*, da escritora afro-peruana Victoria Santa Cruz; 2) *Paisaje con Mujer Angolana*, presente no livro de literatura infantil *La Noche*,

escrito por Excília Saldaña, escritora e poeta afro-cubana.

O primeiro poema, *Me Gritaron Negra*, foi escrito em 1960 por uma artista, professora e mulher negra pioneira na luta antirracista, de reconhecimento e valorização da cultura negra e suas ancestralidades africanas. Depois de séculos de invisibilidade e preconceito recorrentes desde a chegada dos europeus à América até meados do século XX, com os movimentos de contracultura que surgiram por volta da década de 1960, Victória apresentou para o mundo danças, músicas e ritmos dos povos negros peruanos de regiões da Costa do Pacífico, da Cordilheira dos Andes e da Selva Amazônica. Acreditamos que se hoje é possível termos esse tipo de debate nos estudos relacionados à educação das relações étnico-raciais (ERER), deve-se, em certa medida, às batalhas enfrentadas por mulheres como ela. Ressaltamos a relevância de trabalharmos a tradução do poema, mesmo já conhecendo traduções realizadas para o português.

O encontro foi iniciado com a leitura do poema em voz alta, possibilitando uma compreensão coletiva do texto. O texto foi lido, relido e, posteriormente, o grupo assistiu um vídeo em que a autora o declama juntamente com a *Compañia Teatro y Danzas Negros en Perú*. Nesse momento, a atuação do professor se desenvolve num sentido de conduzir as atividades, colaborando a compreensão textual e a trazer

novos elementos, ampliando as possibilidades pedagógicas do texto trabalhado.

Posteriormente, de forma colaborativa, elaborou-se a tradução do texto. O professor atuou no intuito de ajudar a fazer opções metodológicas no processo tradutório, assim como transcrevendo em um computador e projetando em um Datashow a tradução realizada pelo Grupo. Durante esse exercício, foram realizados diversos debates sobre questões linguísticas, mas também questões relacionadas às teorias da tradução. Dessa forma, debateu-se sobre o conceito de literalidade, fidelidade ao texto fonte e ao público-alvo, o que, a nosso ver, estimularam a participação dos estudantes tradutores, reafirmando a condição de produção textual coletiva e colaborativa da proposta.

O segundo poema, *Paisageje con mujer angolana*, escrito em um contexto de pós-revolução cubana, trata da formação de uma identidade nacional e do papel da mulher negra na constituição da pátria cubana. O texto retrata um processo semelhante ao vivido no Brasil e em países de colonização espanhola da América Latina e Caribe, onde, ao longo da história, mulheres negras foram trazidas à força da África e compelidas a trabalhar em lavouras em terras americanas. Sociedades essas fundadas a partir da exploração da mão de obra e da negação de liberdade dos povos negros escravizados por colonizadores europeus. Acreditamos, portanto, que o reconhecimento e a divulgação dessa

obra em um curso de formação de professoras e professores vêm colaborar na consolidação de uma educação antirracista, considerando a força das palavras e a beleza dos versos que compõem a obra, sendo apreciada por nós como uma importante produção para o reconhecimento da literatura produzida por mulheres afro-latino-americanas.

Esses dois encontros tiveram a participação de 10 estudantes, todos/as bolsistas do Grupo PET Pedagogia/UFSC. Além das atividades em sala, onde se realizou a leitura e tradução das obras, foi proposta uma parceria com o Grupo Cênico-Literário *Contarolando*, de modo que as traduções elaboradas pelo grupo foram objeto de leitura poética e dramática, passando a compor o seu repertório em apresentações nas escolas da rede pública de ensino.

O Grupo *Contarolando*, pela voz da Professora tutora Eliane Debus, apresentou a tradução do poema *Me Gritaram Negra* na abertura do 8º SLIJ, nos dias 5 e 20 de novembro de 2019, quando se organizou um evento no Hall do CED em decorrência do Dia da Consciência Negra. Posteriormente, no período de quarentena em decorrência do estado de isolamento provocado pelo vírus Covid-19, as traduções ganharam visibilidade quando foram recitadas em plataformas digitais como *Instagram @debuseliane* e *Facebook /elianedebus*, quando a professora levou as traduções do grupo para o quadro *Poemas do meu quintal*, publicado em seus perfis nas duas plataformas.

Outro espaço em que houve declamação de textos traduzidos pelo grupo foi no *Sarau Vozes Negras*, que aconteceu pela plataforma digital *Instagram @vozesnegras*, no encontro chamado de *Diamantes Negros Traduzidos*, que aconteceu no dia 19 de maio de 2020 com mediação de Feibriss Cassilhas e Jeferson Santana. Nessa ocasião, optou-se por declamar apenas o poema *Paisagem com mulher angolana*, por considerar a relevância desse trabalho, visto que é uma tradução inédita em língua portuguesa.

As traduções realizadas pelo grupo dos poemas foram divulgadas nas redes sociais do PET Pedagogia e compartilhadas por diversos perfis. A divulgação do trabalho e o engajamento que essa publicação reforçou o reconhecimento do projeto não só como ensino e aprendizagem de língua estrangeira, mas como uma forma de expandir o acesso à arte e à cultura em tempos de isolamento social, utilizando-se das tecnologias digitais, o que torna esse processo ainda mais rico em aprendizados e ampliando bastante o público.

Referencias

SALDAÑA, Excília. *La noche*. Il. Manuel Tomás González Daza. Gente Nueva. La Habana, 1989.

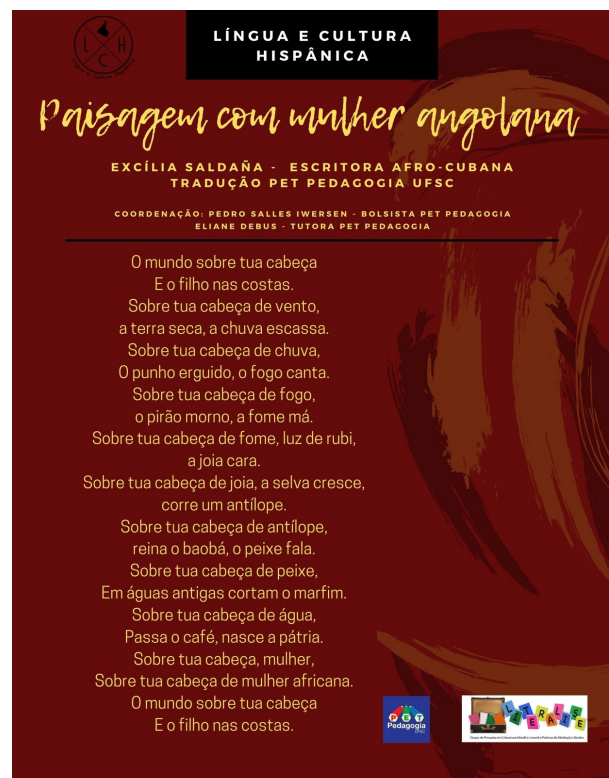
<https://tinyurl.com/victoriasantacruz>. Acesso em: nov. 2020.

Imagem 7: Tradução do poema "Me gritaron negra"



Fonte: Arquivo do PET Pedagogia/UFSC.

Imagem 8: tradução do poema "Paisaje con mujer angolana"



Fonte: Arquivo do PET Pedagogia/UFSC.

ERER EM FORM(A)ÇÃO: MOVIMENTOS PARA UMA EDUCAÇÃO SIGNIFICATIVA

Suelen Amorim Ferreira e Thayene Esquivel (Bolsistas PET/Pedagogia/UFSC)

Eliane Debus (Tutora PET/Pedagogia/UFSC)

O compromisso com o debate sobre a Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER) sempre se fez presente no Programa de Educação Tutorial (PET) Pedagogia, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e apresenta-se nos estudos e nas práticas coletivas que centralizam o protagonismo negro e a valorização da cultura negra alicerçados pela Lei no 10.639, sancionada em 2003, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Africana na Educação Básica, e pela Lei nº 11.645, de 2008, que inclui a História e Cultura Indígena (BRASIL, 2003, 2008).

Sob a tutoria da Professora Dra. Vânia Beatriz Monteiro, a partir de 2007, o núcleo foi nomeado como *Processos educativos, sujeitos e relações étnico-raciais e práticas educativas*, passando tempos depois para Educação das Relações Étnico-Raciais, com a coordenação das tutoras subsequentes: Maria Herminia Lage Laffin (2012-2015), Eliane Debus (2015-2018), Jilvania Bazzo (2018-2019) e Eliane Debus (2019-).

A ERER representa um dos três importantes núcleos articuladores do PET, que sob a tríade *Ensino, Pesquisa e Extensão* subsidia seus estudos sobre a temática racial nos âmbitos cultural, educacional, literário, entre outros,

contribuindo para a formação dos estudantes universitários bolsistas a respeito da necessidade de se pensar um projeto de sociedade equitativa que integre as diferentes vozes, saberes e culturas que se apresentam na estrutura social. Diante disso, há uma atenção especial para uma educação representativa sob os conhecimentos historicamente construídos pelos sujeitos negros e negras e que precisam ser referenciados e valorizados nos múltiplos espaços.

O trabalho coletivo entre bolsistas do núcleo ERER e tutora se estrutura a partir de diferentes ações que integram a temática negra, situando pesquisas científicas e literárias práticas pedagógicas e grupos de estudos articulado entre os membros, a fim de compreender a dinamicidade das relações raciais e do racismo em nossa sociedade, para, assim, estruturar iniciativas de combate a discriminação racial e potencialização da cultura e identidade negra e indígena dentro da universidade, na educação básica e também fora destas.

Sua atuação se firma sobre o acesso democrático à educação, direcionando ações internas de formação do grupo a respeito das constituintes do continente africano, seus países e culturas, livros de

temática afro-brasileira, africanas e indígenas, identidade negra, discriminação racial e outros, assim como práticas ao público interno e também externo da UFSC. Assim, tem o objetivo de expandir a discussão sobre a temática racial, a importância da História e Cultura Negra e Indígena para a expansão cultural dos diferentes sujeitos e o fortalecimento identitário negro, sensibilizando o público de variadas idades a pensar a Educação das Relações Étnico-Raciais e ampliar o olhar sobre a riqueza do patrimônio cultural afro-brasileiro e africano no Brasil e no mundo.

A respeito das múltiplas realizações do núcleo ERER, esta produção se versa. Em vista disso, trazemos uma seleção de eventos realizados e que trouxeram a ERER como foco.

Convidamos a leitora/leitor a tomar fôlego e seguir esse percurso conosco!

ESPAÇO ERÊ

O Espaço Erê foi criado para o III Congresso de Pesquisadores Negros da Região Sul (COPENE/Sul), realizado na UFSC em 2017, e caracterizou-se como lugar de acolhimento e fortalecimento identitário e cultural para receber as crianças que acompanhavam seus responsáveis no evento. Entre os dias 11 e 13 de julho, as ações se efetivaram a partir de oficinas em que as culturas afro-brasileiras e africanas eram o eixo norteador, como, por exemplo, de bonecas Abayomis, contação de histórias, leitura de livros com a temática africana e afro-brasileira, exposição de livros e materiais

educativos, os quais as crianças tinham livre acesso ao manuseio, entre outras ações.

Imagem 9 - Abayomi e literatura



Fonte: Arquivo do PET Pedagogia/UFSC

ENEGRECER – Ações para pensar as culturas africanas e afro-brasileiras

O Enegrecer foi evento realizado entre os dias 26 de outubro e 5 de dezembro de 2017 e buscou trazer à cena as culturas africanas e afro-brasileiras a partir de debates teóricos e oficinas práticas que mobilizassem os participantes para perceberem e pensarem sobre o escurecimento na UFSC, a presença de estudantes negras/negros e a valorização desses no espaço universitário.

No dia 26 de outubro, no período vespertino, ocorreu a palestra *A literatura para crianças em Moçambique*, com o escritor moçambicano Mauro Brito. Atividade foi aberta ao público. No dia seguinte, o escritor retomou sua fala, agora intitulada *Um passeio cultural pelo índico: Moçambique*. O público presente foi composto de estudantes, professoras e professores da Rede Municipal de Florianópolis, de membros

do Literalise – Grupo de pesquisa sobre Literatura infantil e juvenil e práticas de mediação literária –, entre outros interessados.

Em 1 de novembro, em parceria com o Grupo de Pesquisa Alteritas: Diferença, Arte e Educação e Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre as Violências (NUVIC), ocorreu a roda de conversa *Negros/as e política numa conjuntura de estado de exceção*, com João Carlos Nogueira, sociólogo e membro do Núcleo de Estudos Negros (NEN). Na ocasião foi lançado o site *Resistências negras em Santa Catarina* que tem como objetivo “contribuir com a história e cultura afro-catarinense, brasileira e africana, no intuito de potencializar a implementação da Lei 10639/03, nos currículos escolares e acadêmicos” (<https://alteritas96.wixsite.com/resistencianegraemsc>).

No dia 7 de novembro, foi realizada a conferência *Literatura Afro-brasileira* com Eduardo Assis Duarte (UFMG), e, no dia 14 de novembro, em parceria com o projeto (Arlise Ditter), efetivou-se a palestra *Literatura afro-brasileira* na obra de Júlio Emílio Braz, com o próprio autor. Em 24 de novembro, realizou-se a palestra *Literatura infantil, Oralituras e planos simbólicos nas pesquisas do NEAB-UFPR*, com Paulo Vinicius Baptista da Silva (UFPR). No dia 17 de novembro, no saguão do Bloco C do Centro de Educação (UFSC), ocorreu a Batalha de Rima coordenada pelo MC Jota, com a colaboração de Luiza Lunelli e Maria Herta Debus. De 2 a 5 de dezembro, recebemos Fábio Simões, escritor de *Olelê: uma antiga cantiga da África*, Fábio Simões, que realizou a oficina.

Fabricação de brinquedos de cabaça, que ocorreu em um sábado de sol, no período matutino, na sede da Lagoa do Peri, assim como a palestra *Oralidade e música como ferramenta Pedagógica* e *palestra-oficina Celebração da herança linguística dos povos de língua Bantu*.

Imagem 10: Encontro com Fábio Simões



Fonte: Arquivo do PET Pedagogia/UFSC.

Duas exposições foram desenvolvidas no período: 1) exposição de livros de Literatura de temática africana e afro-brasileira na Biblioteca do Colégio de Aplicação e 2) exposição do projeto Resistências negras em Santa Catarina Hall do Centro de Eventos.

SEMANAS DA PEDAGOGIA – 2017 e 2018

Durante a Semana de Pedagogia da UFSC de 2017, evento de e para estudantes da graduação do curso de Pedagogia, aconteceu o minicurso intitulado *Formação Docente e Educação Antirracista: para além da disciplina*, que buscou refletir sobre a formação e prática docente sobre a temática, ampliando os diálogos já levantados na disciplina “Diferença, Estigma e Educação”. A construção de uma ação docente crítica é um direito


e responsabilidade de todas/os que acreditam na educação como transformadora da sociedade.

Em 2018, duas ações marcaram a presença do PET Pedagogia na Semana de Pedagogia: 1) o minicurso *Construção de identidade na escola: um direito social da criança* (imagem 8) que abordou a importância da construção de identidade positivada da criança negra e a escola como agente transformador, entre outros temas, como racismo, *bullying* e branquitude; 2) a oficina *Pinturas faciais de Matrizes Africanas: História, cultura, beleza e resistência em grafismos*, apresentando algumas comunidades étnicas africanas e um fragmento de sua vasta cultura a partir das pinturas corporais utilizadas.

Imagem 12: Cartaz do minicurso

MINICURSO

**CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE NA ESCOLA:
UM DIREITO SOCIAL DA CRIANÇA**




27/09/2018 (QUINTA-FEIRA)

13:30

LOCAL: BLOCO A DO CED - 1º ANDAR

Realização:

Apoio:



Fonte: Arquivo do PET Pedagogia/UFSC.

SEMINÁRIO DE LITERATURA INFANTIL E JUVENIL (SLIJ)

Imagem 11: Logo do SLIJ



Fonte: Arquivo do PET Pedagogia/UFSC.

Desde 2012, o PET participa ativamente da organização do Seminário de Literatura Infantil e Juvenil (SELIJ), colaborando na escolha de palestrantes e temáticas. Destaca-se que nas últimas quatro edições o tema da ERER esteve sempre presente, seja no tema geral, como em 2012, seja nas mesas-redondas e palestras. Ressalta-se a presença em 2019 dos escritores moçambicanos Pedro Pereira Lopes, Celso Cossa e Mauro Brito.

As intervenções do núcleo ERER não param por aí. Ao público externo da UFSC ocorreram as contações de histórias pretas aos educandos da Escola de Educação Básica Padre Anchieta e com a turminha de educação infantil da Escola do SESC, ambas em Florianópolis (SC).

As muitas ações do núcleo ERER resultam do trabalho coletivo que é realizado no PET Pedagogia por bolsistas e tutora, que buscam difundir a História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nos diferentes espaços públicos sobre a importância do protagonismo negro positivado e uma educação que represente as multiplicidades que constroem a nação brasileira e as culturas afro-brasileiras.

Referências

BRASIL. Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 10 jan. 2003.

BRASIL. Lei no 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 11 mar. 2008.

ŞIMÕES, Fábio. *Olelê: uma antiga cantiga da África*. Ilustração de Marilia Pirillo. São Paulo: Melhoramentos, 2015.

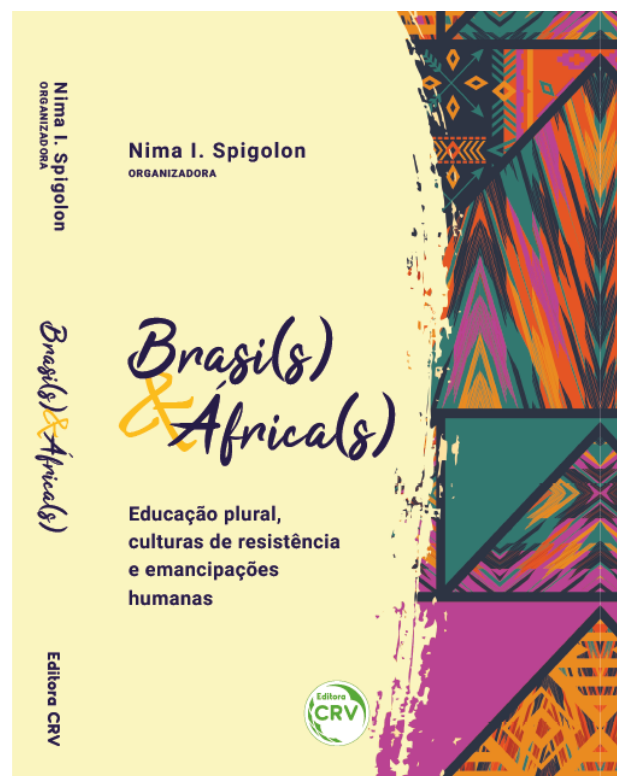
PUBLICAÇÕES DO PET DE PEDAGOGIA E ERER

Clara Quentel de Loyola (Bolsista PET/Pedagogia/UFSC)

Para além do Abiodum, boletim escrito e publicado pelas/os petianas/os, o grupo tem produzido resumos, trabalhos completos e artigos sobre o tema. Neste texto, resolvemos priorizar a leitura do artigo "De lá pra cá: A literatura para infância do escritor moçambicano Pedro Pereira Lopes" (2020), de autoria de Eliane Debus tutora do PET Pedagogia/UFSC e pelas bolsistas Ana Cristina e Juliana Breuer que apresentam um panorama das literaturas africanas de língua portuguesa, enfatizando a literatura para infância do escritor Pedro Pereira Lopes, de Moçambique.

A partir das leituras do artigo "Panorama das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa", de Maria Nazareth Soares Fonseca e Terezinha Taborda Moreira (2017), observa-se que as autoras demarcam três fases da produção da literatura moçambicana:

Imagem 13: Capa do livro Brasi(s) & Africa(s)



Fonte: Arquivo do PET Pedagogia/UFSC.

colonial, nacional e pós-colonial. A primeira fase é marcada pelos problemas sociais do país, como a

exploração do negro e seu desejo de libertação. A segunda, por uma literatura política e de combate que, segundo as autoras, seria “Um discurso do coletivo para o coletivo” (FONSECA; MOREIRA, 2017, p. 41). Já a terceira fase é marcada pela liberdade subjetiva e criativa dos autores. Embora seja importante demarcar a história da literatura em Moçambique, o texto não pontua a produção literária para infância, que ainda está em construção.

O artigo das integrantes do PET se ocupa de dois títulos para infância de Pedro Pereira Lopes: *Kanova e o segredo da caveira* (2017) e *Viagem pelo mundo num grão de pólen e outro poemas* (2015), que segundo elas, o escritor busca ultrapassar a escrita de narrativas que apenas objetivam ensinar à criança sobre bom comportamento e a importância de seguir regras, pois eles se apresentam numa leitura brincante,

propondo outras formas de pensar e viver a infância.

Por fim, ressalta-se a importância da inserção desse tipo de texto no repertório das crianças brasileiras.

Referências

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 10 jan. 2003.

DEBUS, E. S. D.; SILVA, A. C. M. ; PIRES, J. B. . De lá para cá: a literatura para infância do escritor moçambicano Pedro Pereira Lopes. In: Nima Imaculada Spigolon (Org.). *Brasi(s) & África(s): educação plural, culturas de resistência e emancipações humanas*. Curitiba: CRV, 2020. p. 95-106.

FONSECA, Maria Nazareth S.; MOREIRA, Terezinha Taborda. Panoramas das literaturas africanas de língua portuguesa. *Cadernos Cespuc de Pesquisa*, Belo Horizonte, n. 16, p. 13-69, set. 2007.

LOPES, Pedro Pereira. *Kanova e o segredo da caveira*. Ilustração Walter Zand. São Paulo: Kapulana, 2017.

LOPES, Pedro Pereira. *Viagem pelo mundo num grão de pólen e outro poemas*. Ilustração Felipa Pontes. São Paulo: Kapulana, 2015.

ERER E LITERATURA: A ESCRITA AMOROSA DE SÔNIA ROSA

Suelen Amorim Ferreira (Bolsista PET/Pedagogia/UFSC)

Zâmbia Osório dos Santos (Doutoranda PPGE/UFSC)

Sonia Rosa, professora, escritora, contadora de histórias, trabalhou na rede de ensino da cidade do Rio de Janeiro, trabalhou na Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, no Departamento de Mídia-

Educação. Tem especialização em “Teorias e Práticas da Leitura”, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/RJ), e em “África-Brasil: Laços e Diferenças, assim como Mestrado pelo Centro Federal

de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET-RJ), com a dissertação *A literatura infantil afro-brasileira como letramento racial e fortalecimento das identidades negras: uma narrativa autobiográfica* (JESUS, 2019). Escritora de mais de 50 títulos de literatura para crianças e jovens, destaca-se a importância de sua produção para a Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER).

Feita essa apresentação, estamos muito contentas em poder publicar esta entrevista, realizada em novembro de 2020, por meio eletrônico, e queremos agradecer muito a sua disponibilidade. Agradecemos a possibilidade de estar nesta edição do *Abiodum*.

Imagem 14: Foto de Sonia Rosa



Fonte: Arquivo do PET Pedagogia/UFSC.

Abiodum: Considerando a circulação de sua produção, como escritora afro-brasileira, conte-nos como foi a sua entrada e trajetória no mercado editorial?

Sonia Rosa: Não foi fácil... Era professora alfabetizadora da rede pública carioca com duas matrículas e um filho pequenino. Usava os livros de literatura disponíveis na biblioteca de minha escola para enriquecer as minhas aulas com formosuras e encantamentos. Diariamente compartilhava a leitura de um livro (escolhido previamente) com meus alunos porque entendia que assim eles desejariam, com fervor, “aprender a ler” para se tornarem leitores autônomos... Esse movimento de partilha diária de um livro de literatura com minhas turmas me deu uma maior intimidade com o texto infantil. Reforço aqui que, apesar de ter maioria de alunos negros, não havia uma literatura que retratasse de maneira confortável os personagens negros. Na maioria das vezes, estavam ausentes esses personagens. Foi no ano de 1988 que escrevi *O Menino Nito* e, já desejando que fosse um menino negro protagonista tal qual meus irmãos, meus alunos, meus primos, enviei meu texto para algumas editoras e, ao longo dos anos, fui recebendo “negativas”, isto é, não iriam me publicar... Em 1995, quanta alegria, meu texto foi aceito! Uma editora de nome “Memórias Futuras” (que não existe mais) montou uma coleção de nome *Orgulho da raça* com

10 livros sobre a temática negra e convidou a intelectual pesquisadora Heloisa Pires Lima para fazer as apresentações dos livros da coleção. O lançamento foi na Bienal do Livro aqui do Rio de Janeiro, essa foi a minha estreia como escritora. Grande realização. Após tantos anos de espera, consegui publicar o meu primeiro livro! O menino Nito foi republicado em 2002 pela editora Pallas, devido à falência da editora Memórias Futuras. O personagem Nito é um menino negro protagonista que, ao longo desses 25 anos de carreira, tem me dado muitas alegrias... Enquanto aguardava realizar o sonho de publicar um livro, ia produzindo outros textos e tendo mais filhos. No lançamento d'O Menino Nito estava grávida do meu terceiro filho. Foi um período de muitos estudos e cursos para entender melhor o "mundo da leitura". Tive a sorte de conhecer e frequentar a Casa da Leitura, sede do Proler, ligado à Fundação Biblioteca Nacional onde fiz muitos cursos e ampliei saberes. Ressalto que nunca desejei ser escritora em meu tempo de criança e juventude. Era apaixonada pelas histórias escritas e faladas, pela força da palavra, pela poesia e pelo afeto de contar e ouvir uma história. Mas desejar "ser escritora" era algo muito distante da minha realidade. Foi na ambiência da escola e entre meus alunos e, ainda, no meu exercício de aprendizagem da maternidade que esse desejo aflorou em mim. Como disse no começo desta resposta não foi fácil, mas consegui. Sou feliz por isso.

Abiodum: Qual identidade vem primeiro: Sonia Rosa professora, contadora de histórias ou escritora? Como é mobilizar essas múltiplas identidades?

Sonia Rosa: O que veio primeiro foi a contadora de história. Ela, a contadora de história, foi potencializada quando me tornei professora. E de professora, contadora de história, leitora e produtora de poesias, desde a adolescência fui migrando para o "mundo das histórias infantis". A minha intimidade com a palavra me proporcionou uma escrita amorosa e suave quando decidi contemplar o público infantil. Ainda hoje, faço esse diálogo da escritora e da contadora de histórias dentro das minhas narrativas. Vocês poderão observar que muitos dos meus livros têm musicalidade e um certo ritmo, que chamo de marcas de oralidade, um dos valores afro-brasileiros. A oralidade foi o começo da minha percepção e admiração e encantamento pelas palavras. Desde criança tenho apreço pelas histórias... cresci numa casa sem livros, mas com muitas histórias contadas por minha mãe. Essa foi a minha formação de base. Mas, concluindo a resposta, digo que a professora (que sou e sempre serei) está presente quando estou entre as crianças, minhas leitoras, que, mesmo sabendo que não são meus alunos, sempre me despertam um sentimento amoroso, de espontaneidade, de alegria e de bem estar...

Abiodum: Para você, qual a importância/desafios da sua produção literária para o público infantil e juvenil negro e não negro?

Sonia Rosa: Tenho muita alegria em oferecer temas diversos em meus livros. E histórias negroafetivas. Muitas histórias que estão presentes em meus livros considero incomuns dentro da literatura. Algumas vezes, essas histórias são pautadas em minhas próprias experiências, como *Palmas e Vaias*, *Dona Brígida*, *Histórias Amareladas*. São sentimentos e vivências, que ousa, de maneira corajosa, compartilhar com meus leitores para que estes possam ler histórias de vida de uma mulher negra e, que, como toda história de vida narrada, tem amor, dor, luta, sonhos, superações e desejos de acertar... Muitos dos personagens dos meus livros foram construídos baseados em referências de pessoas da minha família e/ou de vizinhos. Em meus livros, a vida pulsa. Porque as vidas negras pulsam... e, claro, importam. Meus leitores negros se encontram em meus livros e os meus leitores não negros têm a oportunidade de ampliar seu conhecimento de mundo e repensar sua relação com a questão racial na vida real, no seu entorno...

Abiodum: Como mulher negra, professora e escritora, de que forma observa os possíveis encontros entre a Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER) e a literatura?

Sonia Rosa: Considero extremamente importante a execução da Lei no 10.630/2003 em Todas as escolas. Apesar de já terem passado 17 anos da promulgação da Lei, identifico fragilidades dentro das escolas em se trabalhar com essa potente Lei. Mas possibilidades interessantes e eficazes quando o corpo de professoras e professores decide trabalhar com livros de literatura que abordem temáticas negras. E, claro, que esses livros estejam presentes na biblioteca da escola e quando não, que seja revisto o acervo bibliográfico da escola como uma primeira ação. Os livros voltados para essa temática têm representatividade negra positiva, protagonismo negro e fortalece as identidades negras. Isso é muito importante para a formação das crianças e da escola como um todo. São várias denominações relacionadas às variedades dessas literaturas e suas especificidades: literatura negra, negroafetiva (minha), africana (Rogério Andrade Barbosa), afro-brasileira, negro-brasileira (Cuti), negro-brasileira dos encantamentos (Kiusan de Oliveira), negro-periférica (Otávio Junior). Os livros desses gêneros são possibilidades viáveis e exequíveis de se trabalhar efetivamente uma educação das relações étnico-raciais com os alunos. Essas literaturas atuam como letramento racial, que são saberes ligados à racionalidade. O contato frequente com esses livros amplia conhecimentos e provocam estudos. E, o mais maravilhoso, forma crianças e adultos.

Abiodum: Fale sobre o conceito “Literatura negro-afetiva”, cunhado por você na pesquisa de mestrado *A literatura infantil afro-brasileira como letramento racial e fortalecimento das identidades negras: uma narrativa autobiográfica*.

Sonia Rosa: Aproveito aqui para reafirmar a alegria de ter feito um Mestrado em Relações Étnico-Raciais e, por consequência, ter ampliado minha percepção de mundo e potencializado minha escrita e meu compromisso com as causas negras. Minha dissertação foi autobiográfica e esta foi uma experiência muito forte para mim. Entrei em contato com minha existência e renomeei episódios de dores em minha vida, dando agora o nome correto: racismo. Também revisei minha obra e fiquei tranquila, porque usando um termo dito por Cuti, tenho em minha escrita uma “inconsciência negra”. Escrevo sobre minha existência. Uma existência negra. Minha vida. Minha família. Minhas dores. Alguns constrangimentos. Nascimento, vida e morte. Falo de amor. Afeto. Abraços. Acolhimento. Palmas solitárias. Em meus textos, as narrativas e os personagens negros são positivamente representados. Repito, esse escrever negro é natural, porque vem do meu ser existencial negro. Os meus livros têm imagens construídas pelos ilustradores de maneira que ratificam esses protagonismos e essa representatividade positiva,

respeitando, assim, meu posicionamento quanto à presença maciça de personagens negros em meus livros. Agradeço meus ilustradores e meus editores por essa parceria. Após a minha defesa da dissertação, o apreço pelos estudos sobre a temática ficou mais acentuada. Por isso, continuo estimulada a estudar, estudar sem parar. Percebi que os conceitos disponíveis para definir e/ou nomear a literatura que produzo não me satisfaziam... E tenho escutado de vários leitores e amigos da academia que admiram a minha maneira de abordar os temas, por vezes, tão espinhosos, de maneira suave e afetiva. Considerei essas observações todas e, refletindo sobre tudo isso e estimulada pela energia da defesa da dissertação, cunhei este conceito literatura negroafetiva para crianças e jovens. Penso que essa denominação define bem o que produzo, literariamente falando. Nesse momento, estou junto com a Professora Doutora Talita Oliveira, do CEFET/RJ, construindo um artigo onde pretendo desenvolver minhas ideias acerca desse conceito criado por mim.

Referências

JESUS, Sonia Regina Rosa de Oliveira Dias de. *A literatura infantil afro-brasileira como letramento racial e fortalecimento das identidades negras: uma narrativa autobiográfica*. 2019. Dissertação (Mestrado) pelo Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET-RJ).

ROSA, Sonia. *O menino Nito*. Ilustração Victor Tavares. Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

XIGUTSA XA VUTOMI

“CABAÇA DA VIDA”

Organização: Rafael da Silva (Bolsista PET/Pedagogia/UFSC)

Eliane Debus (Tutora PET/Pedagogia/UFSC)

Imagem 15: Logo da sessão Cabaça da Vida



Fonte: Arquivo do PET Pedagogia/UFSC.

Nesta edição do *Abiodum* inauguramos a sessão “Xigutsa xa vutomi”, que, em língua Xangana, significa Cabaça da Vida. Nesta cabaça, colocaremos dicas de filmes, documentários, livros literários e teóricos sobre a temática da ERER. A ilustração, a imagem que ilustra esta sessão foi desenvolvida pelo bolsista do PET Pedagogia Lucas daEni

Livros

*O livro para infância *O Pequeno Príncipe Preto* (Nova Fronteira, 2020), de Rodrigo França, com ilustrações de Juliana Barbosa, apresenta a temática afro-brasileira nas suas páginas. Narra a história de um menino que tem orgulho da sua ancestralidade e sonha com um mundo mais amistoso entre as pessoas. (Edneide Maria – Mestranda PPGET/UFSC)

*No livro ilustrado *Da minha janela* (Companhia das Letrinhas, 2019), Otávio Júnior e Vanina Starkoff apresentam a realidade de uma favela carioca, revelando a necessidade de ampliarmos nossas perspectivas na direção de práticas antirracistas, enxergando o cotidiano com mais poesia, criticidade e potência. O livro foi vencedor do Jabuti 2020. (Caroline Machado – Professora Doutora NDI/UFSC)

**Carta às meninas e aos meninos em tempo de COVID-19* é o título do livro digital organizado em 2020 pelos participantes do Fórum Mineiro de Educação Infantil, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, sob a coordenação de Mônica Correia Baptista. O livro versa sobre a pandemia, dialogando com o leitor sobre as informações técnicas e orientação sobre os cuidados necessários. As ilustrações foram elaboradas por um conjunto de 11 ilustradores que fazem do livro uma obra de arte. As personagens variam entre crianças, adultos e idosos, homens e mulheres, animais, negros, brancos, azuis e vermelhos, em uma perspectiva positiva de práticas antirracistas, democráticas e respeitadas. (Keila Gonzalez – Professora doutora PMF/SC).

Filmes/Documentários

**Quanto Vale ou é por Quilo?* É um filme brasileiro de 2005, dirigido por Sérgio Banchi, que faz uma crítica social explorando a solidariedade de fachada e o que há por de trás da captação de recursos junto ao governo e empresas privadas feita por ONG's, traçando uma analogia com o antigo comércio escravo do século XVI. Ao longo da trama, o filme também expõe aspectos práticos e cotidianos da desigualdade social e do racismo no Brasil. (Elem Marafigo, Bolsista PET Pedagogia/UFSC)

*O documentário *Toque de Melanina: legado de resistência* (2018), produzido por Renan Ramos Rocha e Maria Aparecida Rita Moreira, tem seu roteiro pautado no genocídio da juventude negra e Educação das as Relações Étnico-Raciais. Apresenta atividades desenvolvidas pelo grupo "Toque de Melanina", projeto da EEB Aderbal Ramos da Silva (2014-2017), e depoimentos de parceiras e parceiros do grupo. (Professora Doutora Maria Aparecida Rita Moreira – SEE/SC)

*O docficção *Quarenta, Pra não Esquecer* (2019), dirigido por Raul Fitipaldi, mistura elementos ficcionais com fatos históricos ao narrar a visita do último presidente da ditadura militar à Florianópolis, que o recebeu com a pompa que um ditador merece. Assista e conheça a história de resistência da cidade de Florianópolis, do dia que ficaria conhecido como a Novembrada de 1979. (Lucas daEni - Bolsista PET Pedagogia/UFSC)

Música

**AmarElo* álbum de Emicida, rapper e compositor brasileiro, lançado em 2019, é composto de 11 músicas, com participações de Zeca Pagodinho, Dona Onete, Pabllo Vittar, Fernanda Montenegro, entre outros, e tematiza a humanidade que nos habita, ou deveria nos habitar, aquela humanidade que reconhece as fraquezas e é nelas que a força pode brotar!!! (Eliane Debus – Tutora PET Pedagogia/UFSC)

**Retrato Falado* é o primeiro álbum solo da cantora e compositora catarinense Dandara Manoela, integrante da banda de samba-reggae Cores de Aidê e da Orquestra Manancial da Alvorada. Lançado em 2018, o álbum é composto por 12 faixas de um teor crítico e combativo, mas que também, nas palavras da própria compositora, "fala[m] bastante sobre o amor, porque acredito que o amor fortalece e dá energia para continuar lutando". Em 2017, Dandara venceu o Prêmio da Música Catarinense nas categorias melhor cantora e artista revelação com a Orquestra. Nos últimos anos, também dividiu o palco com Larissa Luz, Russo Passapusso, Francisco, el hombre e Dona Onete.

Referência

<https://www.revistaversar.com.br/dandara-manoela-album-retrato-falado/>
(Elem Marafigo, Bolsista PET Pedagogia/UFSC)